

Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando à terra claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
que de uns e de outros olhos derivadas,
juntando-se, formaram largo rio.

Ela ouviu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

Luís de Camões, Soneto 17

Meu ser evaporei na lida insana
do tropel de paixões que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
a existência falaz me não doirava!
Mas eis sucumbe a natureza escrava
ao mal que a vida em origem dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
no abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus! Quando a morte a luz me roube,
ganhe um momento o que perderam anos,
saiba morrer o que viver não soube.

Bocage, Meu ser evaporei na lida insana.

Quando vejo de Anarda o rosto amado,
vejo ao céu e ao jardim ser parecido
porque no assombro do primor luzido
tem o sol em seus olhos duplicado.

Nas faces considero equivocado
de açucenas e rosas o vestido;
porque se vê nas faces reduzido
todo o império de Flora venerado.

Nos olhos e nas faces mais galharda
ao céu prefere quando inflama os raios,
e prefere ao jardim se as flores guarda:

enfim dando ao jardim e ao céu desmaios,
o céu ostenta um sol, dous sóis Anarda,
um maio o jardim logra; ela dous maios.

Manuel Botelho de Oliveira, Soneto X

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIX, Nº 09 – 2015 SETEMBRO

Assinatura até 31.12.15: 04 selos postais
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,95).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

“A vida é muito diferente do quadro pintado por tal idealismo. Suas verdades são duras e inevitáveis: e essas verdades são que sofremos, nossa sina é perder e lamentar e, por fim, passar pela dor de morrer antes que a morte venha nos libertar. O que devemos aprender é suportar, aceitar, manter nossa dignidade apesar dos ataques do infortúnio, da fragilidade e da malícia do homem.”

A. C. Grayling, O Bem, Capítulo 1: 10 a 20,
de O Bom Livro – Uma bíblia laica; Objetiva, 2011.

Um país em retrocesso
segue do mal os meandros
ao sustentar no Congresso
mais de quinhentos malandros.

Alfredo A. E. Valadares, 0709
Trovalegre: Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Depois de um chuvoso dia,
vendo o sol resplandecer,
eu sinto a mesma alegria
de quando te volto a ver!

Amaryllis Schlonbach, 1010
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

O amor é o forte do fraco
e que assim se satisfaz;
antes a paz de um barraco,
do que um castelo sem paz.

Célia Guimaraes Santana, 0909
Trinos do Pitiguari: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Quem conhece a Terra Santa
de carro, a pé ou de trem
crê muito mais ou se espanta
ou fraqueja a fé que tem.

Dias da Silva, 1109 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

Quando, triste, eu busco a rua
varando a noite sem fim,
não choro o partir da lua:
o orvalho chora por mim.

Marisa Oliveira Olivais, 0709 Troversul
Rua Luiz Antunes 312
95080-000 – Caxias do Sul/RS

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haikus assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti**: O haiku é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!

✉ FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS! ✉

Até o dia **30.11.15**, quigos Café verde, Cigarra, Dália, Flamboiã, Hortênciana, Jasmim, Natal, Toró, Trovoada.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 – São Paulo/SP

ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haiku tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haiku do que um erudito, Bashô queria *recuperar* seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hoku inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em
SF9810, Seleções em Folha OUT/98.

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE PRIM



AVERA (QUIDAI)



Na mira do gato
de repente a imagem voa
bem-te-vi a salvo.

Alba Christina

Brilha o sol e o ipê,
iluminando os caminhos,
transfigura o parque.

Amália Marie Gerda

Num canto do lago
agitação repentina
girinos nasceram.

Alba Christina

Primavera em flor.
Suga o mel, o beija-flor,
pairando no ar.

Angela Andrade

No final da tarde
dobrado sob o granizo
salgueiro desfolha.

Alba Christina

Pássaro maior
preenche o ar com seu canto.
“Bem-te-vi! Bem-te-vi!”

Angela Andrade

Misteriosamente,
a névoa esconde, no parque,
os lagos e as árvores.

Amália Marie Gerda

Céu colorido.
Pipas dançando no ar.
Crianças em festa.

Angela Andrade

Quebrando o silêncio,
a rã dá um salto e mergulha,
na verde lagoa.

Amália Marie Gerda

Revoada de pássaros.
Orquestra de bem-te-vis
alegra a manhã.

Angela Andrade

Tanque. Águas calmas.
De repente, uma onda.
Girinos nadando.

Angela Villela Santos

Chega a tempestade
e vem trazendo o granizo.
Menino assustado.

Angela Villela Santos

Um cesto de vime,
transbordando rãs crocantes:
à mesa só cobras...

Antonio Cabral

Guri cantarola,
“Tá com medo Tabaréu...”,
debandando a pipa.

Antonio Cabral

Via Anchieta,
engarrafada de manhã:
névoa muito forte.

Antonio Cabral

Entre exclamações
a visita repentina
beija-flor na sala.

Dorotéa Iantas Miskalo

Garupa do pai
o filho às gargalhadas
na mão catavento.

Dorotéa Iantas Miskalo

Calor da tarde
o cardume de girinos
por alguns instantes.

Dorotéa Iantas Miskalo

Um beija-flor
colorido e veloz flutua
leve diante da flor.

Eduardo Zé

Na manhã ensolarada
ouve-se o canto
do bem-te-vi ao longe.

Eduardo Zé

Uma névoa
fria e gelada embaça
a luz do sol.

Eduardo Zé

A pipa que jaz
no arqueado ondulante galho
vento não dá trégua.

Fernando Soares

No galho uma flor –
o beija-flor passa e volta.
Chega outro.

Marilena Budel

Na tarde quente,
a sesta interrompida.
Bem-te-vi no muro.

Marilena Budel

Na beira da lagoa –
uma rã no caminho.
Pulo de susto.

Marilena Budel

Vários cataventos
no parque de diversões
atraem crianças.

Renata Paccola

Pipa desgarrada
enrosca no fio elétrico.
Garoto chorando.

Renata Paccola

Na ponta do galho
embalado pelo vento,
canta o bem-te-vi.

Roberto Resende Vilela

Árvores sem folhas.
Aves feridas e mortas.
Chuva de granizo.

Roberto Resende Vilela

Estrada angulosa.
Carros com faróis ligados.
Névoa sobre o vale.

Roberto Resende Vilela

M A I S Q U E M I L P A L A V R A S ?

O Estado de São Paulo 06.09.15, Caderno Aliás E 1 a 3.

O filósofo francês **Francis Wolff**, da Escola Normal Superior de Paris, entende que o bebê não só encarnou a fragilidade como a solidão. E ainda atingiu o mundo de vergonha. “Enquanto as mercadorias cruzam as fronteiras com extrema facilidade, os muros entre o homens estão cada vez mais altos.”

Entrevista-o, Andrei Netto

No 10º Distrito de Paris, próximo às estações de trem Gare Du Nord e Gare de L’Esse, zona conhecida – de forma pejorativa – como Little India, vivem milhares de estrangeiros provenientes de países como Sri Lanka ou Bangladesh e, em menor escala, da Índia e do Paquistão. Eles com-

põem, em sua maioria, uma massa de refugiados e asilados políticos que encontraram na França, suposta “terra de acolhimento e dos direitos humanos”, um porto para recomeçar suas vidas em meio ao desenvolvimento econômico europeu.

Nessa região “guetoizada” e onde é difícil cruzar com um “francês de origem” vive o filósofo Francis Wolff. Professor da Escola Normal Superior (ENS) de Paris, este discípulo de Louis Althusser fez parte entre 1980 e 1984 de uma linhagem de pensadores franceses que passaram pela cátedra permanentemente no Departamento de Filosofia da USP sucedendo Gilles Gaston Granger e Gérard Lebrun. Especialista em filosofia antiga e em

Aristóteles, Wolf trabalha temas como a metafísica e o político, alimentando-se da antropologia e do humanismo para construir sua obra. No Brasil, publicou *Sócrates, Aristóteles e a Política*, *Dizer o Mundo e Nossa Humanidade – De Aristóteles às Neurociências* e participou em agosto do ciclo *Mutações: O Novo Espírito Utópico*, no Sesc Vila Mariana, em São Paulo.

Nessa conferência, Wolff abordou o tema das Três Utopias da Modernidade, uma oportunidade para retornar à ideia de utopia, tema que motivou desde paixões políticas a ideologias cegas a totalitarismos sanguinários que marcaram o passado recente, em especial na Europa. Dentre es-

sas três utopias, explicou, está sua preferência: a que chama de “humanismo cosmopolita”, marcada por um mundo sem fronteiras.

Em entrevista ao *Aliás* concedida na sexta-feira em sua residência, Wolff analisou à luz da utopia do humanismo cosmopolita a tragédia da crise migratória na Europa, agora eternizada pela foto de Nilufer Demir, jornalista de 29 anos da agência turca DHA. Na imagem, vê-se o corpo do pequeno Aylan Kurdi, uma das vítimas do naufrágio de um barco que trafegava na faixa marítima entre Bodrum, na Turquia, e a ilha de Kos, na Grécia.

Segundo o filósofo, os engajamentos as-

sumidos pela comunidade de nações no pós-guerra, como a liberdade de circulação e o direito ao refúgio e ao asilo político, são violados pelos mesmos Estados que os estabeleceram ao incluí-los na Declaração Universal dos Direitos do Homem. "Os engajamentos são tão pouco respeitados", relembra Wolff, "que as autoridades de todos os países, em especial os europeus, cogitam, publicamente e sem reservas, com o mais perfeito cinismo, destruir os barcos dos que tentam exercer seus direitos". Ou seja: ilegais não são os imigrantes em fuga de guerras, da fome ou em busca de oportunidades de trabalho – mas os países que não cumprem tratados internacionais.

A seguir, a síntese da entrevista.

• Qual a sua reação após ver a foto da criança morta na praia da Turquia?

Minha reação é mais uma reflexão sobre o poder da imagem do que sobre a realidade. É a imagem da vergonha que a Europa deve sentir neste momento. Mas tudo o que foi dito há meses sobre a realidade é ainda pior do que essa imagem e não teve o mesmo efeito. Milhares de palavras, de descrições, de estatísticas... tudo foi impotente frente ao impacto dessa foto. Uma criança é a encarnação da fragilidade, da inocência. Nessa imagem ela também encarna a solidão. Espero que tenha o efeito que milhares de discursos não tiveram.

• E o que a crise migratória lhe inspira?

A minha primeira observação é que estamos em meio a uma globalização econômica e financeira. As mercadorias nunca atravessaram as fronteiras com tamanha facilidade. Em segundo lugar, vivemos uma uniformização cultural profunda, na qual a informação e a grande mídia também são globais. Não digo que essa uniformização seja total, porque a civilização chamada ocidental não é mundial. Mas todas as pequenas culturas estudadas ao longo de muito tempo pela etnografia estão se dissolvendo em um mundo sem fronteiras culturais nítidas. Em terceiro lugar, os grandes conflitos são cada vez mais transnacionais. Ou seja: vivemos de certo modo em um mundo sem fronteiras. Mas, ao mesmo tempo, algumas fronteiras físicas entre Estados-nação, nascidos em geral no século 19 ou 20, são cada vez mais altas. Eis o grande paradoxo.

• Como esse paradoxo se traduz?

No século 19 era mais fácil atravessar o Atlântico do que hoje o Mediterrâneo. No início do século 20, em 1903, mais de 12 mil pessoas chegavam por dia ao porto de Staten Island, de Nova York. Hoje sabemos que algumas fronteiras são mais difíceis de atravessar – para as pessoas, claro, não para as mercadorias. A inven-

Enquanto mercadorias atravessam fronteiras com extrema facilidade, os muros entre os homens estão cada vez mais intransponíveis

ção do passaporte é invenção recente. A noção de fronteira nítida também só aparece na modernidade. As pessoas que podem viajar viajam e circulam cada vez com mais facilidade. Para elas, as distân-

cias são cada vez mais curtas. Mas há outras para as quais existem fronteiras. Esse é o paradoxo e o drama que estamos vivendo, em especial na Europa, embora exista o mesmo problema em outras partes do mundo, como entre o México e os Estados Unidos. É um drama absoluto.

• Logo há pessoas que têm o direito de se deslocar, e outras não.

Minha revolta é contra essa dificuldade do humanismo prático nos nossos dias. Existe uma única humanidade. A maior parte dos sonhos e das reivindicações políticas sempre foi feita em nome de um Estado. Desde Aristóteles, todos os teóricos da Justiça imaginam a República com suas fronteiras. Mas hoje não poderíamos mais pensar a Justiça que não fosse de forma internacional, transnacional, sem fronteiras. Temos todas as condições para pensar assim, mas será cada vez mais difícil aplicar esse pensamento. Essa é a grande lição, a meu ver, do que está se passando nessa crise na Europa.

• Na Europa há a princípio da livre circulação, mas não para quem vem de fora.

A noção da construção da União Europeia desde a 2ª Guerra é um projeto muito bonito à medida que as nações que foram o foco dos mais importantes conflitos da história, França e Alemanha em especial, decidiram acabar de forma progressiva com as fronteiras. Mas uma grande parte da população europeia esqueceu que nós o fizemos para acabar com conflitos seculares. Hoje a maior fronteira que existe é entre a Europa e seus confins, entre a Hungria e a Sérvia, por exemplo. Essa crise, além do desastre humanitário, pode ter mais uma consequência nefasta: retornar ao mundo com fronteiras – o que para mim seria não o fim de uma utopia, nem de um sonho, mas de uma realidade construída passo a passo após a 2ª Guerra.

• Isso é impulsionado pela reação de grupos identitários, contrários à globalização como a Frente Nacional, na França, ou o Ukip, no Reino Unido?

Eles não são dois movimentos contrários, são um só. As populações que se sentem mais inseguras na Europa reagem assim por não mais perceberem a existência de fronteiras, sejam elas reais ou metafóricas. É uma insegurança cultural, religiosa, econômica que gera um populismo de extrema-direita, instrumentalizador da noção de identidade. Para boa parte da classe operária, por exemplo, os sindicatos, as organizações sociais de base, as redes de solidariedade, e pertencimento a um partido político não existe mais. Tudo isso está desaparecendo, e essas pessoas se sentem nuas frente a uma globalização considerada a grande culpada.

• Essa reação é de uma minoria que grita mais forte por se sentir oprimida?

Há casos diferentes em regiões diferentes. Em países que estão nas fronteiras da Europa, como os antigos membros do bloco soviético, as opiniões são muito mais contrárias ao fluxo de imigrantes, em parte por terem o sentimento de serem o primeiro front. Em outros países, como a França, infelizmente, a Inglaterra, a Holanda, a Itália, há movimentos de extrema-direita muito fortes, enquanto na Espanha e Grécia os núcleos são populistas de extrema-esquerda. De uma forma geral, a fraqueza da Europa é

não ter uma política bem definida do que significa a ideia europeia. Ela tinha um fundamento universalista. Hoje, essa mensagem parece estar se perdendo.

• Talvez por ser um projeto político inacabado? Uma certa ideia de Europa pressuporia o caminho em direção a um governo europeu sólido.

A União Europeia foi um pouco construída pelo avesso. Fizeram uma Europa econômica e financeira, com o euro, antes que as condições de transferência de riqueza de uma região para outra estivessem criadas. As redes de solidariedade e o sentimento europeu ficaram para trás na construção europeia.

• A Europa se perdeu em seu humanismo?

Valores foram compartilhados quando as populações tinham o sentido do progresso, quando o futuro parecia belo. Mas, a partir do momento em que se estabeleceu a ideia de que o futuro será bem pior do que o passado, então já se entra em uma espiral de defesa da sua identidade, de seus bens, etc.

• O senhor mencionou em uma conferência n Brasil duas utopias que ocupam o vácuo das grandes utopias do século 19, fracassadas. Estas desmoronaram e abriram um vazio filosófico e moral?

Exatamente. O que podemos ver com clareza é que alguns movimentos hoje não existem em nome de uma classe social, por exemplo, mas sim em nome de uma utopia que eu chamei de biosférica. Na Califórnia, a utopia máxima é o transumanismo. Nos campos americanos, é a apologia ao animalismo, ao vegetarianismo – o vegano –, cada vez mais forte, com uma moral que põe no mesmo plano o homem e os animais. Essas duas utopias parecem profundamente morais. Toda moral é por conceito universalista. Mas o que constatamos é que a verdadeira universalização hoje é econômica, e não moral. A utopia animalística, que faz do homem um animal como os outros, e a utopia transumanista, que pretende fazer do homem um ser imortal, são ambas perigosas. Deveríamos pensar uma nova utopia, que eu chamo de utopia humanista, ou seja, a reflexão sobre o mundo a partir da ideia de homem. Essa é a utopia do sem fronteiras.

• A expressão "utopia" foi no último século muito associada às ideologias, grande parte delas autoritárias ou totalitárias. Mas o senhor faz parte de um grupo pequeno de intelectuais que recupera essa expressão. Por quê?

A utopia é a maneira de criticar o presente sem os limites do realismo, ou seja, sem precisar procurar os melhores meios para chegar ao fim desejado. Não estou defendendo a utopia em geral ou a ideia de que a partir de agora devemos defender novas utopias. Muito menos estou defendendo as utopias passadas ou que estão se desenvolvendo hoje. O que estou dizendo é: se realmente queremos uma utopia, a coisa mais desejável e mais impossível é o mundo sem fronteiras. Se desejamos um ideal sem consideração do possível, então a mais bela, a mais impossível, a mais racional e mais difícil de se atingir seria o mundo sem fronteiras.

• O senhor define utopia como algo

o conjunto de toda tristeza. A natureza se explica, quando sente a si mesma e a lesma passeia nos livros que não foram lidos, mas já esquecidos pela humanidade. Não pense que é papo cabeça ou filosofia barata,

que não tem um projeto de realização. Mas, se classificarmos um mundo sem fronteiras como utópico, então não seria desejável construir esse mundo sem fronteiras. É isso?

Tomemos o exemplo do Estado Islâmico. Esse grupo carrega consigo um projeto político sem consideração alguma pelas fronteiras. Eles não consideram os limites entre a Síria e o Iraque porque acreditam que a única distinção que faz sentido é entre os muçulmanos e os não muçulmanos, entre xiitas e sunitas e, entre sunitas, aqueles que fazem uma leitura literal do Corão. Portanto, é um projeto político, não uma utopia. Assim como o imperialismo, o colonialismo, o comunismo, o socialismo o foram no passado, o Estado Islâmico é um projeto político transfronteiriço, que não reconhece fronteiras nem os Estados históricos. É um projeto construído em nome de uma certa definição religiosa do homem, mas eles não estão fundados na ideia do homem. Existem atualmente projetos políticos totalitários – muito diferentes daqueles do século 19 ou 20 – que procuram todos os meios de se tornarem reais, e muitas vezes se realizam pela força. Algo diferente é a utopia. Eu não defendo nenhuma utopia. Apenas digo que a mais desejável e mais impossível é o humanismo cosmopolita.

• Em muitos ambientes hostis, em guerras ou em campos de refugiados, fica claro que não só pessoas desesperadas pelos conflitos ou pela fome estão deixando seus países em busca de liberdade e segurança, mas também os que o fazem por razões econômicas, porque querem participar de um certo Ocidente onde buscarão emprego, desenvolvimento e acesso a bens de consumo.

Sim, concordo que ela existe e é forte. Minha primeira observação sobre isso é de que a pobreza se transforma em miséria quando se tem consciência de que seria possível viver sem pobreza em outro mundo – que pode ser um outro país ou um outro continente. Uma situação que não necessariamente seria vivida como miséria, mas como pobreza, passa a ser vivida como miséria a partir do momento em que se pensa que poderia existir acesso aos bens de consumo. Na Idade da Pedra não havia miséria, mas pobreza. Nessa época, havia poucas coisas, mas não havia o sentimento de que poderia haver muito mais, ou de que algumas pessoas têm muito mais do que outras. Podemos verificá-lo em pequena escala em sociedades tribais que nunca haviam vivido em situação de miséria, mas sim de pobreza. No momento em que se deparam com os bens de consumo, passam a se sentir em situação de miséria. Esse é um lado da globalização. Hoje, em quase qualquer lugar do planeta, as pessoas têm a informação de que seria possível viver em um lugar no qual haveria acesso a bens de consumo, e isso cria uma consciência de sua miséria. E esse sentimento de miséria não se limita a um sentimento, mas se transforma em miséria real, alimentado pelas sensações de desigualdade, de injustiça, de impotência, da falta de respeito a si mesmo, combustíveis de novos conflitos e novos movimentos migratórios.

Não pense você que a doce anarquia que habita meu labirinto é o universo sucinto de toda loucura. A criatura que sobrevive a cidade, engolindo fumaça, sou eu... Sou eu quem agonizo na volta pra casa e congela o sangue para o dia seguinte. Sou eu o ouvinte do rádio pela madrugada

e o grito dos corpos incinerados pela calçada... Não! Não pense você que essa ausência de riso é puro improviso de cena "se a alma fosse pequena", o sono seria leve -, um breve passeio nos arredores do tempo. Este simples lamento, não pense você que é

não há milênio que traga novos conceitos numa objetiva e a essência da vida, em retrospectiva, anuncia o futuro: dançando no escuro da minha saudade.

Dançando no escuro, poema de Edmilson Felipe (Do Livro: Antes do Medo - 2005); gentileza de Larissa Lacerda Menendez

Sim, infelizmente de fato há sofrimento, fragilidade e malícia; e há ainda as vicissitudes do acaso que trazem ou intensificam os três. Mas, mesmo assim, o bem é possível. O primeiro passo para a vida boa é procurar a sabedoria e abandonar o medo.

A sabedoria ensina o que é válido e o que é ilusório. Ela traz senso de proporção e medida, dispensa o falso brilho criado pela vaidade e cupidiz humanas, pela moda, pela falsidade, pela ignorância e insensatez. O medo que tolhe a vida é o medo da per-

da, sobretudo a perda suprema que é a morte. A morte tem duas faces: nossa própria morte e a morte de nossos entes queridos. A sabedoria olha nos olhos de cada um e vê o que deve. O que é morrer? É voltar aos elementos, é continuar a ser

parte do todo, mas de outra maneira. Agora somos uma unidade viva, depois nós nos transformaremos em algo difuso e orgânico, parte da natureza tanto quanto agora e não menos do que sempre fomos antes de nossa forma atual.